

EDUCAÇÃO

V.12 • N.2 • Publicação Contínua - 2024

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2024v12n2p218-230



## PASSAR NO VESTIBULAR E SER ORGULHO DA FAMÍLIA: UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO COM O SABER DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO MUNICÍPIO DE ARACAJU/SE (2024)

PASSING THE UNIVERSITY ENTRANCE EXAM AND BEING THE PRIDE OF THE FAMILY: A STUDY ON THE RELATIONSHIP WITH KNOWLEDGE AMONG HIGH SCHOOL STUDENTS IN THE MUNICIPALITY OF ARACAJU/SE (2024)

APROBAR EL EXAMEN DE INGRESO UNIVERSITARIO Y SER EL ORGULLO DE LA FAMILIA: UN ESTUDIO SOBRE LA RELACIÓN CON EL CONOCIMIENTO ENTRE ESTUDIANTES DE SECUNDARIA EN EL MUNICIPIO DE ARACAJU/SE (2024)

Eanes dos Santos Correia<sup>1</sup>  
Willdson Robson Silva do Nascimento<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de analisar o sentido de ir à escola e estudar de dois estudantes que estão matriculados em um colégio público estadual da cidade de Aracaju/Sergipe, tendo como base o seguinte questionamento “qual o sentido de dois estudantes de uma escola pública estadual de Aracaju/Sergipe em ir à escola?”. Sendo que os dados produzidos a partir das entrevistas semiestruturadas submetidas aos sujeitos desta investigação foram analisados com base nos fundamentos da análise de discurso de Orlandi (2009) e das noções da relação com o saber de Charlot (2000; 2005; 2013). Considerando sua dimensão epistêmica, identitária e social, o sentido de ir à escola, para estes estudantes, não é de aprender tal matéria ou o saber, embora tenham este desejo, mas vão para passar de ano, tirar nota boa para garantir pelo menos um bom trabalho e/ou passar num curso superior num futuro próximo.

### PALAVRAS-CHAVE

Educação Básica. Escola. Relação com o Saber. Sentido.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the meaning of attending school and studying from the perspective of two students enrolled in a state public school in the city of Aracaju, Sergipe. It is based on the following question: “What is the meaning for two students from a public state school in Aracaju, Sergipe, to go to school?” The data produced from semi-structured interviews conducted with the subjects of this investigation were analyzed based on the principles of discourse analysis by Orlandi (2009) and the notions of the relationship with knowledge by Charlot (2000; 2005; 2013). Considering its epistemic, identity, and social dimensions, the meaning of going to school for these students is not merely about learning subjects or knowledge, although they have this desire, but rather to advance to the next grade, achieve good grades to secure at least a good job, and/or to pass a higher education entrance exam in the near future.

## KEYWORDS

Basic Education; school; relationship with knowledge; meaning.

## RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo analizar el sentido de ir a la escuela y estudiar de dos estudiantes matriculados en una escuela pública estatal en la ciudad de Aracaju, Sergipe. Parte del siguiente cuestionamiento: “¿Cuál es el sentido para dos estudiantes de una escuela pública estatal de Aracaju, Sergipe, en ir a la escuela?”. Los datos producidos a partir de las entrevistas semiestructuradas realizadas a los sujetos de esta investigación fueron analizados con base en los fundamentos del análisis del discurso de Orlandi (2009) y las nociones de la relación con el saber de Charlot (2000; 2005; 2013). Considerando su dimensión epistémica, identitaria y social, el sentido de ir a la escuela para estos estudiantes no es simplemente aprender una materia o conocimiento, aunque tengan este deseo, sino que van para avanzar de año, obtener buenas calificaciones para asegurar al menos un buen trabajo y/o pasar a una carrera universitaria en un futuro cercano.

## PALABRAS CLAVE

Educación Básica. Escuela. Relación con el Saber. Sentido.

## 1 INTRODUÇÃO

É comum visualizarmos em várias casas e escolas sergipanas, nas suas faixadas cartazes, *banner*, *outdoor* e outros tipos de panfletagens fazendo menção de orgulho por tal pessoa da família ou da escola ter conseguido passar em universidades, cursos conceituados e até mesmo ter alcançado uma nota de excelência no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou processos seletivos similares. Em escolas sergipanas, especificamente as particulares, têm o costume de divulgarem seus estudantes aprovados e os lançam como *marketing* para atrair outros candidatos a se matricular em suas instituições, pois é quase garantido passar em qualquer universidade ou cursos se atrelado ao esforço do mesmo.

É dentre este e outros motivos que o objetivo deste trabalho tem como base analisar sistematicamente o sentido de estudantes de escolas públicas em ir à escola e estudar, tendo como base o seguinte questionamento “qual o sentido de dois estudantes de uma escola pública estadual de Aracaju/Sergipe em ir à escola?”.

Este trabalho é um estudo de caso de dois discentes de uma escola pública estadual do estado de Sergipe, mais especificamente da cidade de Aracaju. Conseguimos uma visita à escola, falamos sobre os objetivos da pesquisa e apenas dois estudantes e dois pais ou responsáveis desses estudantes do ensino médio da escola disponibilizaram a participação de seus filhos juntamente com a entrevista fora da escola, ou seja, em suas casas. Os dois voluntários são de uma escola localizada na região sul da cidade, na periferia da capital sergipana, a qual tem o turno integral de ensino.

A investigação tem como instrumento de produção de dados entrevistas semiestruturadas feitas em caráter não formal e fora do ambiente escolar desses sujeitos para que os mesmos não se sentissem desconfortáveis durante a entrevista e para não os atrasar em quaisquer atividades da escola. As entrevistas desses estudantes foram gravadas em áudio, tendo a ciência e consentimento prévio pelos entrevistados e pelos seus responsáveis, através de termo de consentimento livre e esclarecido. Foi escolhido gravar os áudios durante a entrevista, pois os estudantes da pesquisa se sentiriam mais confortáveis e o ambiente se configurasse o mais natural possível, e assim foi.

Nos tempos atuais percebe-se que as escolas, principalmente de ensino médio, “preparam” os estudantes para o ENEM ou processos seletivos de universidades públicas e particulares com o objetivo que esses tenham êxito nesses processos, sendo classificados ou aprovados em tais seleções. A urgência da contemporaneidade e das escolas em “preparar” os discentes para o processo seletivo deixa de lado ou obsoleto o sentido do ensinar e aprender para formar o sujeito cidadão humano, que reflete e pensa no e sobre o mundo.

A escola ganhou um sentido de campeonato, vence o melhor, quem conquistar melhores notas e serem aprovados nos melhores cursos e/ou universidades. Ou seja, existe uma lógica do desempenho e da concorrência na educação escolar básica, quiçá, no Ensino Médio (Charlot, 2020). Com base nestes relatos e da experiência dos autores desta pesquisa que tem contanto direto com colegas, amigos e estudantes de escolas ou instituições públicas e privadas superiores de ensino, veio à intenção de fazer tal investigação sobre “o sentido de dois estudantes estarem estudando nessa instituição escolar de educação básica” e suas perspectivas a partir do ensino e aprendizagem das disciplinas básicas curriculares dessa escola pública estadual da zona de expansão da capital do estado de Sergipe.

## 2 SENTIDO DO APRENDER

Só aprende quem tem um esforço intelectual, ou seja, só aprende quem estuda e consegue encontrar sentido no que se esforçou intelectualmente para aprender (Charlot, 2000; 2005; 2013; Correia, 2017). Mas para que um sujeito aprenda não é necessário apenas esse esforço intelectual, assim, tem que ter um sentido, um desejo e um prazer, um agente móbil que o leve à mobilização do querer aprender.

Para ir à escola e permanecer nela é necessário que encontremos uma lógica ou um sentido. Charlot (2000; 2005; 2013) nos indica que há casos em que o estudante vai para a escola para encontrar seus colegas, outros para bagunçar, alguns para estudar, alguns estão matriculados formalmente, mas nunca entraram intelectualmente na sala de aula e outros que encontram sentido em outras ações fora da escola, como trabalhar para ganhar alguns “trocados” e sustentar a família pobre. Cabe oportuno verificar, neste momento, que a escola também é um lugar de sentido, de desejo e de prazer, se ainda não houvesse isso, não haveria mais sentido em ir à escola.

Há estudante que encontra na escola a oportunidade de mudar de vida por conta da sua posição social - nos referimos à classe popular aqui - e veem nela a oportunidade de êxito na vida e conseguir alcançar um modo de vida diferente das condições de seus pais de origem popular (Correia; Silva; Negromonte, 2020). A sua posição social se torna positivamente um agente móbil para que ele se mobilize em ir à escola, aprenda os conteúdos, passe de ano/série e seja um êxito paradoxal<sup>3</sup> (Charlot, 2000; 2005; Bourdieu; Passeron, 1992; 2014).

O estudante é um sujeito singular e social que pensa, reflete no mundo e tem desejos sobre isso ou aquilo. É um ser social, singular e universal. Singular, pois é subjetividade e único; Social por viver numa sociedade humana; e universal porque está num processo social de singularização e num processo singular de socialização. E quanto mais singular e mais social ele se torna, mais ele caminha para o seu processo de humanização, pois o filho do homem nasce incompleto, inacabado, numa condição humana que o leva a uma necessidade da educação, ou seja, se torna educável, deve ser educado por elementos de uma cultura que o antecedeu, pois “O homem não é produto da natureza: é produto da educação” (Charlot, 2013, p. 236). É um sujeito que tem uma relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo (Charlot, 2000), ou seja, tem desejo, é subjetivo e tem uma relação íntima ou não com os conteúdos escolares e com a escola, cria expectativas ou projeções futuras sobre o sentido de estudar ou ir à escola.

Assim, cabe ao estudante na sua dimensão subjetiva que tem relação com sua história, crenças, cultura etc., criar expectativas sobre a escola e o sentido que ela tem para sua vida atual e futura. Levando também em consideração a dimensão epistêmica, social e identitária da relação com o saber desses sujeitos. A dimensão epistêmica está ligada ao currículo, conteúdo das disciplinas, da signi-

---

3 Trata-se da interpretação da produção teórica sobre a escola como reprodutora das desigualdades sociais. Quando o estudante ou filho de pais de origem popular consegue êxito escolar ou acadêmico, diferente de seus pais, caracteriza-se em êxito paradoxal. Verificar: BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1992 e BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. C. Os Herdeiros: os estudantes e a cultura. Florianópolis: UFSC, 2014.

ficância que essa pessoa dá à escola e às diversas formas e circunstâncias do aprender (aprender ou ir à escola significa o quê?); a social às suas relações com os outros sujeitos, colegas, professores e como se relaciona consigo mesmo, em sua subjetividade; a identitária está ligada à história desse sujeito, seus objetivos, anseios ligados a perspectivas presentes e futuras.

Sobre a escola, suas lógicas simbólicas muitas vezes são subentendidas no currículo, mas claramente vista nas práticas cotidianas das aulas. O objetivo é preparar os estudantes, principalmente do ensino médio, para processos seletivos, vestibular e mais especificamente o ENEM, tanto de escolas particulares como também públicas.

Não obstante, o livro organizado por Nadir Zago (2013), em cooperação com autores que tratam sobre o fluxo de estudantes da Educação Básica para a Superior, nos mostra que essa preocupação de ser aprovado ou classificado em processos seletivos é um fenômeno mais evidente e frequente entre as instituições particulares. Isso pelo fato de as escolas públicas terem outras preocupações/problemas, como tentar manter o alunado matriculado por conta do alto índice de abandono, problemas estruturais, de recursos e assistência aos estudantes, garantir a conclusão do ensino médio e por último os processos seletivos. Esse tipo de fenômeno se configura pelo fato de a educação pública brasileira ser considerada antidemocrática (Romanelli; Nogueira; Zago, 2013). E por assim ser, geram circuitos viciosos e virtuosos<sup>4</sup> nos quais os estudantes de escolas públicas e particulares estão submetidos a enfrentar.

Esses estudantes são sujeitos reflexivos que pensam no e sobre o mundo, e aqueles que conseguem entrar na lógica simbólica da escola compreendem que para ser inserido na educação superior é necessário ir à escola para aprender os conteúdos das disciplinas para, no mínimo, tirar uma boa nota no ENEM e ter a oportunidade de entrar numa graduação ou curso superior através do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), do Programa Universidade para Todos (ProUni) e do Fundo de Financiamento Estudantes (FIES). O sentido de ir à escola, para tais estudantes que entram na sua lógica simbólica, é aprender conteúdos e passar nos processos seletivos ou no mínimo ganhar o diploma do ensino médio para entrar logo no mercado de trabalho (Correia; Charlot; Nascimento, 2023).

O sentido de aprender na escola, automaticamente, virou sentido de entrar no fluxo para a educação superior e também de entrar no mercado de trabalho. O sentido de aprender para saber tornou-se obsoleto ou pouco existiu dentro das instituições escolares, embora estejam elencados nos projetos pedagógicos e nas diretrizes da educação básica brasileira.

Desta forma, devemos fazer um adendo à situação pedagógica atual das escolas brasileiras com base em um referencial que trata dessa temática na próxima seção deste artigo, Bernard Charlot.

---

4 O sistema de educação antidemocrática brasileira causa um fluxo de estudante para a educação superior desonesto: estudantes de escolas públicas entram em educação superior particular, os quais deveriam continuar no ensino público (circuito vicioso); e estudantes de escolas particulares entram na educação superior pública, os quais deveriam continuar na particular (circuito virtuoso). A competição em processos seletivos entre estudantes de escola pública e particular é injusta, não corroborando para os menos favorecidos, estudantes da escola pública (Zago, 2013).

### 3 SITUAÇÃO PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS NOS ÚLTIMOS 30 ANOS

As práticas pedagógicas trazem uma carga ideológica histórica e cultural dentro da Educação que se manifestam no ambiente escolar, na sala de aula e especificamente no cotidiano dos professores e estudantes. Há uma mistificação pedagógica na realidade social da escola, ou seja, processos ideológicos<sup>5</sup> que se tornam invisíveis, porém ativos na realidade escolar. Isso se manifesta no dia a dia dentro da relação professor/discente, na qual o professor ensina algum conteúdo – que as vezes não tem sentido para o estudante como também para o professor – finge que ensina tal “saber” e o discente tenta decorar o que o professor falou – tenta lembrar o que o professor falou, pois irá cair na prova – fingindo que aprendeu (Charlot, 2012; 2013).

Diante disso, além de atravessar os corredores, salas, aulas e todo o ambiente escolar, essa realidade ultrapassa os muros da escola e chegam às políticas públicas educacionais. A Educação, naturalmente tem um significado político de classe, direcionada a determinadas classes sociais, ou seja, a Educação é política e transmite modelos sociais (Charlot, 2012; 2013). A Educação, seguindo esta linha de pensamento, além de ser política, se configura uma integração cultural e social.

Mas esta integralização social e cultural pedagógica da Educação mascara ideologicamente os significados políticos que aqui estão presentes e principalmente o de classe. Diante do exposto, a situação pedagógica atual das escolas brasileiras tem duas facetas: dos discursos e de como as coisas funcionam realmente.

A faceta dos discursos, que não cabe aqui aprofundamento, é que tudo está funcionando muito bem, projetos e discursos teoricamente generosos, novas diretrizes curriculares com dimensões de conteúdos na esfera conceitual, procedimental e atitudinal, mas que não passa de um mero discurso sobre o que tem que fazer e não é feito especificamente. Como por exemplo: temas transversais, lutas contra o sexismo, o preconceito de raça, de gênero e sexualidade, educação ambiental e muitos outros discursos teóricos com projetos e propostas que são os mais bem elaborados e considerados os melhores do mundo (Charlot, 2018)<sup>6</sup>.

Por outro lado, que torna assunto de nosso interesse, está a faceta de como as coisas que estão presentes nos discursos realmente funcionam, sua dimensão procedimental. Comparadas com os discursos que valorizam a inovação e uma educação de boa qualidade. E como essas coisas funcionam? Funcionam nas estruturas da lógica social do governo, ou seja, do Estado, das políticas públicas que não saem do papel. Ou seja, não funcionam na prática, no cotidiano da escola. A prática é contraditória ao discurso. Nada funciona como está teoricamente, no papel e nos discursos (Charlot, 2018).

No que se referem às avaliações, nas escolas, elas são individuais e não se sabe o que está avaliando e dão notas. Não se avalia para uma tomada de ação posterior, como melhorar o ensino

---

5 Nos referimos ao *habitus* de Pierre Bourdieu, no qual reproduzimos, pensamos, e fazemos práticas ou coisas de forma inconsciente. É tão comum que se torna “normal” e habitual. Não se configura especificamente em certo ou errado, mas acontece como ação comum ou “normal”.

6 Palestra “A Equação pedagógica” proferida pelo filósofo e sociólogo Bernard Charlot na Jornada Pedagógica dos Professores do Instituto de Ciência e Tecnologia de Sergipe em 16 de janeiro de 2018, no Auditório do Tribunal Regional do Trabalho de Sergipe.

e possivelmente promover a aprendizagem do estudante, avalia para dar nota para passar de ano ou ser reprovado. O professor passa o conteúdo, ou seja, “ensina” e depois cobra na avaliação o que passou e o discente, através da “prova”, tem que mostrar ao professor que aprendeu tal conteúdo (Correia; Silva; Tavares, 2016).

Deve ser levado em consideração, na avaliação, que o ensino e a aprendizagem não são lineares (Correia *et al.*, 2020). Não especificamente o que o professor ensinou é o que o estudante aprendeu (Luckesi, 2010). Como podemos saber o que o discente aprendeu? Somente ele pode dizer o que aprendeu. E como isso pode ser avaliado? Todo o processo da aprendizagem pode ser avaliado e não especificamente em uma prova que fazem perguntas óbvias ou sem sentido para o estudante.

Nas avaliações externas, que merece ser salientadas, valorizam os conteúdos apenas de algumas disciplinas como matemática e português. Avaliações como do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) são modelos e exemplos de que as coisas acontecem de modo contraditório, valorizando apenas alguns saberes.

A lógica pedagógica atual é verificar e medir quanto os estudantes sabem sobre tais conteúdos. Uma disputa incansável sobre quem sabe mais e quem sabe menos. É visível que o modelo da educação atual se preocupa, na prática, mais com acúmulo de informação, ou seja, conteúdo em detrimento ao saber, à aprendizagem. A escola e os professores estão preocupados em ensinar conteúdos e não na aprendizagem. O saber e a aprendizagem estão obsoletos nas práticas pedagógicas e fecundos nos discursos. São discursos e práticas paradoxais numa mesma realidade educacional, ou seja, numa mesma realidade pedagógica da escola.

Cabe oportuno, então, tentar analisar e entender, a partir de agora o que os estudantes desse colégio estadual pensam sobre a escola e qual o sentido de ir todos os dias para a sala de aula. Acreditamos que para alcançar o objetivo deste artigo, seria interessante, saber o contexto desses discentes, ou seja, a dimensão social, identitária e epistêmica. Então, pensar no sentido só faz sentido, se considerarmos esses estudantes como sujeitos singulares e sociais, e os conhecendo.

## 4 OS DADOS, A DISCUSSÃO E A ANÁLISE DOS SENTIDOS DOS ESTUDANTES

Foram selecionados dois estudantes do ensino médio de um colégio público estadual de Aracaju/Sergipe. Os dois estudantes são de uma escola da capital sergipana localizada na zona sul, zona de expansão da cidade: estudante B e C. Estes estudantes moram no mesmo bairro da escola que estudam e foram escolhidos da seguinte forma: fizemos uma visita à escola, falamos sobre os objetivos da pesquisa e apenas dois estudantes e dois pais ou responsáveis desses estudantes do ensino médio da escola disponibilizaram a participação de seus filhos juntamente com a entrevista fora da escola. Configurando-se em um estudo de caso para aprofundar nas suas peculiaridades.

Diante disso, todo ou qualquer discurso de um sujeito tem suas condições de produção, tem uma ideologia, que tem uma história e um sentido. O sujeito que fala tem um lugar, uma posição de onde produz esse discurso. Nesta pesquisa são analisados os discursos desses dois estudantes de classe popular, os

pais recebem salário mínimo e as mães são domésticas. Recebem Bolsa Família. Os estudantes estão inscritos no programa de incentivo financeiro-educacional, na modalidade de poupança, destinado a promover a permanência e a conclusão escolar de estudantes matriculados no ensino médio público, o Pé-de-Meia. Estudam em escola pública e que têm acesso apenas ao mínimo que a educação básica formal pode oferecer. Cabe salientar que todas as entrevistas foram feitas individualmente com cada estudante

A pesquisa tem como tema de análise o sentido dos estudantes em ir para a escola. Assim, foram feitas duas perguntas que pudessem nos levar a dados que nos revelassem caminhos para resposta e/ou reflexão à nossa problemática. O primeiro questionamento feito na entrevista foi: Qual o seu objetivo em ir à escola?

Analisando as respostas dos estudantes, é verificado que eles vão para a escola com a intenção de estudar para passar no ENEM ou vestibular similar, ter um bom emprego e um futuro melhor. Estudam também para passar de ano, tirar nota boas e se sentir inteligentes. Eles entraram e percebem a lógica simbólica da escola que estudam, ou seja, que devem tirar notas boas para passar de ano e também no vestibular. **Estudante B:** *Meu objetivo é ser alguém na vida, né? Se formar em alguma coisa. Estudar para me formar e passar no vestibular. Também gosto de estudar para tirar notas boas... fico alegre quanto tiro nota alta (risos).*

O **Estudante C** discorre sobre o sentido de ir à escola: *quando eu estudo e tiro nota boa gosto de antes passar na cara dos amigos (risos). A gente também estuda para passar de ano, né? Quem quer reprovar?! Estudar para tirar nota, se sentir inteligente, passar de ano e pouco se importa em aprender o que realmente foi explicitado na aula, pois tem pouco tempo para aprender e a demanda de conteúdo do currículo escolar é extensa. A escola ou o professor não se importa com o que o estudante aprendeu, mas se o professor cumpriu o planejamento. Essa correria se dá pela necessidade de acompanhar ou cumprir todos os conteúdos que serão cobrados no ENEM ou vestibular. Não se aprende o saber. Treinam ou decoram coisas que os fazem passar de um ano para outro. É a lógica. Possivelmente também querem passar no vestibular e entrar na educação superior. Esses são os seus desejos imediatos e futuros.*

Os Estudantes B e C também trazem relatos que nos levam a pontos de reflexão e discussão sobre o questionamento central da nossa pesquisa, sobre o sentido instituído pela escola no que se refere ao discente frequentá-la. **Estudante B:** *E quero passar no curso de psicologia;* **Estudante C:** *Eu estudo para ter um futuro melhor... fazer faculdade... eu penso em fazer medicina.* Os estudantes deixam explícitos os seus desejos de fazer uma graduação ou curso superior, que os levem a ser profissionais no mercado de trabalho.

Fizemos também outro questionamento: O que você acha que a escola contribui ou ajuda para alcançar o objetivo de passar no vestibular?

Tentamos, a partir desta pergunta, analisar as respostas dos estudantes considerando que eles têm desejos em seguir uma vida acadêmica. Considerando que os sujeitos da pesquisa são de classe popular, mas têm posições sociais subjetivas, encontrando nessas posições o agente móbil para sua mobilização de quererem aprender e passar no vestibular. Saindo da linha da causalidade do provável<sup>7</sup> e alcançar um êxito na vida, na escola e provavelmente adentrar na educação superior.

---

7 Termo utilizado por Bourdieu para se referir à reprodução da classe. Se um dado sujeito tem uma determinada classe social e intelectual é porque provavelmente reproduziu tais posições sociais e intelectuais “influenciadas” pelos seus pais ou família.



O **Estudante B:** É cansativo... a gente chega em casa e não tem nem ânimo para estudar, pegar o livro. Fica o dia todo na escola, não tem o tempo de fazer dever, chega em casa morta de cansaço... e ficar o dia todo na sala de aula, só nas terças-feiras, a tarde, tem aula diferente, disciplina eletiva: cursos de culinária, teatro, artes, dança... pela manhã é mais matéria de cálculo, pela tarde é mais decorativa.

Na resposta do estudante à pergunta pode ser verificado a insatisfação e exaustão ao explicitar que passar o dia inteiro na escola é cansativo e sem sentido para ele, não sendo necessariamente compensador e nem produtivo, ou seja, é entediante e sem possibilidade de uma aprendizagem significativa para ele. É necessário considerar que o discente é uma subjetividade, ou seja, é um sujeito que pensa e reflete sobre o mundo e sobre as coisas, é singular. Para aprender é necessário que o discente estude, em outras palavras, tenha desejo, prazer e uma atividade intelectual sobre o objeto intelectual, e o ambiente seja fecundo para que isso ocorra (Charlot, 2018). Neste caso, estudar as matérias da escola é cansativo, o que torna um empecilho para que ele aprenda ou alcance rendimento satisfatório esperado.

O prazer é uma variável importante na aprendizagem, se temos prazer em alguma coisa aprendemos mais rápido e isso deve ser considerado dentro do ambiente escolar. Verifica-se no discurso do estudante um tom mais suave ao falar da “aula diferente” nas terças-feiras à tarde e mostra mais entusiasmo em falar sobre ela do que “as matérias de cálculo” que ele estuda no mesmo dia pela manhã. Mostra-se através disso o prazer que ele tem em participar de cursos de teatro, dança e culinária em detrimento à matéria decorativa e de cálculo.

O outro, o Estudante C, discorre sobre a estrutura, os professores e também o prazer que tem numa matéria específica da escola.

O **Estudante C:** A escola falha na estrutura... e eu acho que os professores que ensina a gente não tem preparo .... e também não se preocupa com a gente ... a maioria não tem interesse sobre o que a gente quer aprender... esses professores de história, geografia, essas matérias assim eu acho que eles não têm muito interesse não. E tem um professor que gosta de ensinar que é o de ciência... é uma matéria que eu gosto muito.

O estudante revela, em seu discurso, que a estrutura física da escola para um padrão de tempo integral é inadequada para as aulas e para o período de tempo que fica na escola durante dois turnos. Além de argumentar que os professores não têm “preparo”, não se preocupam, não se interessam pela aprendizagem dele, não o consultam para saber sua opinião sobre tal processo ou como se sentem durante as aulas e sobre as aulas. Cabe oportuno salientar que o estudante também gosta da disciplina de ciências e é especificamente esta que ele afirma que o professor gosta de ensinar.

É necessário compreender que há uma “contradependência” sobre o ensino e aprendizagem (Charlot, 2011; 2012), entre o professor e o estudante. O professor precisa do discente para ensinar e o discente precisa do professor para aprender sobre tal matéria. Se o professor tem prazer em ensinar provavelmente o estudante terá o prazer de aprender, mas isso não é determinante, pois ensino

e aprendizagem não é linear (Correia *et al*, 2020) e depende do esforço, desejo e prazer de ambos os sujeitos, o professor e o estudante.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos os estudantes da presente pesquisa como sujeitos idiossincráticos cujas dimensões da sua relação de sentido com a escola se caracterizam no espectro epistêmico (sobre as matérias ou conteúdo intelectuais que estudam), social (suas relações de afinidade, relação interpessoal entre estudante e professor) e identitário (sobre perspectivas presentes e futuras dos estudantes, como sujeito subjetivo, histórico e que tem desejo e prazer). O sentido de ir à escola, para eles, não é de aprender tal matéria ou saber, embora tenham este desejo, mas vão para passar de ano, tirar nota boa para garantir pelo menos um bom trabalho e/ou passar em um curso superior, num futuro próximo. O fenômeno identificado nesta amostra de pesquisa não está longe e não foge das lógicas simbólicas da escola contemporânea.

Em tempo, é necessário ter ciência que os estudantes desta pesquisa são de classe popular e que estudam em escola pública de Ensino Médio em Tempo Integral que os oferece o básico que pode ser aproveitado por eles, com ambiente nocivo à situação da aprendizagem efetiva, professores com vencimento abaixo do piso salarial, merenda escolar que deixa a desejar e vivem numa região com pouca ou quase nenhuma assistência do estado, onde a marginalização é uma estatística que “fala”, uma realidade que “grita” e o sentido é a variável que se sobressai, parafraseando Michel de Certeau (1998), nas “bricolagens diárias” destes estudantes em situações de táticas à lógica da educação. Sobretudo, estar na escola ainda é uma questão política de resistência, de teimosia social e de quebra da reprodução social que esses estudantes se encontram.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. C. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: h UFSC, 2014.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1992.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

CHARLOT, B. **Educação ou Barbárie?** Uma escolha para a sociedade contemporânea. São Paulo: Cortez, 2020.

CHARLOT, B. **A equação pedagógica**. Palestra proferida pelo filósofo e sociólogo Bernard Charlot na Jornada Pedagógica dos Professores do Instituto de Ciência e Tecnologia de Sergipe, no Auditório do Tribunal Regional do Trabalho de Sergipe, em 16 de janeiro de 2018.

CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Tradução: Maria José do Amaral Ferreira. São Paulo: Cortez, 2013.

CHARLOT, B. A mobilização no exercício da profissão docente. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n. 13, jan./jul. 2012.

CHARLOT, B. Professores, alunos, escola, saber – relações atravessadas pela contradição: entrevista com Bernard Charlot. **Cadernos de Educação**, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. p. 15-35, maio/ago. 2011.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação de hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Tradução: MAGNE, B. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CORREIA, E. S.; CHARLOT, V. A. C. S.; NASCIMENTO, W. R. S. O que me levar a cursar uma licenciatura? Sentidos de estudante da Universidade Federal de Sergipe. In: CHARLOT, Y. C. (org.). **Horizontes investigativos para pensar a educação**. Aracaju: Criação, 2023.

CORREIA, E. S.; SILVA, V. A.; NEGROMONTE, F. B. Perceptions and senses attributed by students to their experiences of attending a brazilian public university. **Academia**, n. 19, 2020.

CORREIA, E. S. C.; SILVA, V. A.; NASCIMENTO, W. R. S.; CHARLOT, Y. C. A Unidade Dialética Ensino e Aprendizagem: um Processo Não Linear. **Revista Internacional Educon**, v. 1, n. 1, 2020.

CORREIA, E. S.; SILVA, V. A.; TAVARES, A. C. M; Avaliação da Aprendizagem: do castigo ao diagnóstico pelo professor. **Interfaces Científica**, v. 5, n. 1, 2016.

CORREIA, E. S. **Corpo humano e ensino de ciências**: o que faz sentido aos alunos do oitavo ano do ensino fundamental. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECIMA/UFS, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2017.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (org.). **Família & escola**: novas perspectivas de análise. Petrópolis: Vozes, 2013.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

---

**Recebido em:** 24 de Março de 2018

**Avaliado em:** 5 de Julho de 2024

**Aceito em:** 24 de Setembro de 2024

---



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

---

1 Doutor em Educação, Universidade Federal de Sergipe Campus – UFS; Mestre em Ensino de Ciências e Matemática; Pedagogo; Professor Adjunto do curso de Pedagogia, Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pinheiro; Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação e Contemporaneidade – EDUCON/UFS/CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9188-4336>.  
E-mail: eanescorreia1@gmail.com

2 Doutor e mestre em Educação para a Ciência, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Bauru; Licenciado em Física – UFMA/São Luís; Professor Adjunto do Departamento de Física, Universidade Federal de Sergipe Campus Itabaiana; Membro do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências e Inclusão Escolar- ENCINE/UNESP/CNPq e do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação e Contemporaneidade – EDUCON/UFS/CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2350-7731>.  
E-mail: willdsonnascimento@gmail.com

Copyright (c) 2024 Revista Interfaces Científicas - Educação



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA

